



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5338 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A FUTURA POLÍTICA BRITÂNICA

O fecho da abóbada que mantém todo o actual edifício capitalista está em Londres. Daqui a três ou quatro anos estará em Nova-York. Mas durante este período não se desmoronará o edifício? Enquanto subsistir o governo imperialista e conservador dos Curzon e dos Churchill, resistirá solidamente. Mas duvidamos que o actual governo possa manter-se por muito tempo. Com efeito, o governo não representa a maioria do povo britânico, quando, em conformidade com as regras do parlamentarismo, devia representá-lo. A maioria da Câmara dos Comuns, eleita em Dezembro de 1918, a que com tanto servilismo apeia o governo, representa uma minoria de eleitores. Em cada eleição parcial que se tem realizado nestes dois últimos anos, o governo viu diminuir o número dos seus partidários. Sem medo de nos enganarmos, pode-se afirmar que actualmente a maioria governamental na Câmara dos Comuns representa apenas dois quintos dos eleitores; e opinião dos três quintos restantes acha-se representada pela pequena minoria de oposição do Labour Party e dos liberais-radical. Isto constitui para o sociólogo uma prova admirável da ficção democrática do parlamentarismo tal como hoje se encontra organizado, seu referendário popular e sem possibilidade para os eleitores de mudarem de mandatários, se estes deixarem de estar com eles de acordo. Em verdade, portanto, o actual governo britânico e a sua maioria parlamentar exercem uma verdadeira ditadura de classe.

Contra esta ditadura, a luta dos trabalhadores é incessante, o que é inevitável; e o mesmo se dá em relação aos radicais, e até com certos políticos que por enquanto se intitulam ainda conservadores, como Lord Robert Cecil. Mas esta luta reveste a forma tradicional da luta parlamentar, e por este motivo dura há muito e parece dever prolongar-se ainda por longos meses, por anos talvez. E durante este tempo os actos dos senhores conservadores continuam a desenvolver-se com todas as consequências no tempo e no espaço, irradiando em todos os sentidos, intrincando-se numa complexidade sem fim, determinando o futuro das massas populares, mantendo os sofrimentos e as misérias. Por um momento, tanto em 1919 como em 1920, pareceu que a luta pela via parlamentar daria lugar à acção directa, às acções da massa pela greve geral, com fins políticos. Por motivos que a falta de espaço me impede de aqui analisar, e sobre os quais envio o leitor ao meu pequeno volume *O movimento operário na Gran-Bretanha*, a acção directa e a greve geral com fins políticos foram postas de lado, em proveito da luta tradicional no parlamento e no país, por meio de reuniões e de uma intensa propaganda.

Deve-se na verdade reconhecer que a propaganda dos trabalhadores e dos radicais-liberais é muito bem conduzida, com uma actividade incansável tanto nas cidades como nos campos. Como os costumes políticos britânicos estão de há muito decados em harmonia com este modo de luta, a propaganda é, portanto, eficaz. Os seus frutos são visíveis nas eleições parciais. No momento em que escrevo estas linhas, preparam-se quatro eleições parciais na Gran-Bretanha, e em todas a oposição conta com o sucesso. E tem, além disso, um terreno excelente de propaganda: a questão do inálor, tam grave e tam angustiant, e a questão da Irlanda, mais grave e mais importante ainda no ponto de vista mundial, porque a guerra actual irlandês-britânica mancha de desonra o povo britânico que admite a sua continuação, e enfim a questão das economias nas despesas públicas.

O público britânico corresponde admiravelmente à propaganda trabalhista e radical. A maioria parlamentar — na realidade uma minoria eleitoral, não o esqueçamos — desagra-se dia a dia. A autoridade moral do governo e do parlamento também dia a dia mais se desvanecem. Mas tanto um como o outro, apesar de tudo, subsistem e governam, cavando, cessar o fôssco entre o povo da Irlanda e o da Gran-Bretanha, entre o Egipto e o Reino Unido, entre as Índias e as Ilhas Britânicas. Ah! E' inculcável o mal que este governo e este parlamento fazem ao seu próprio país e à humanidade!

Conservar-se há por muito tempo? E' de desejar que não, no interesse do mundo. E considerando as coisas atentamente, é também provável que não. A força do parlamentarismo democrático é grande no Reino Unido. É uma diadema de classe, não tendo por si a maioria eleitoral do país, não pode substituir por muito tempo, por mais boa-vontade que se tenha. Com efeito, a ditadura fere os costumes e a tradição. Se este estado de coisas durasse o tempo suficiente para mostrar que tanto o governo como o parlamento pretendiam governar contra a opinião e a maior eleitoral, daqui podia descer-se a uma vaga que violentamente derrubasse o governo e o parlamento. O golpe dado no princípio do parlamentarismo seria de forma a pôr em perigo a sua própria existência. E é tam grave esta eventualidade que provavelmente os detentores actuais do poder temerão provocar.

Portanto, provável que daqui a alguns meses seja dissolvido o actual parlamento e que o povo, homens e mulheres, seja chamado a eleger novos deputados. E não é nada duvidoso que vá ao parlamento uma maioria anti-conservadora, anti-imperialista composta de trabalhistas e de radicais. Três hipóteses se apresentam:

1.º A maioria absoluta pertencerá ao Labour Party.
2.º Ou ao partido Liberal-radical Asquith.
3.º Nenhum destes dois partidos terá a maioria mas o seu conjunto formará uma maioria mais ou menos forte em relação aos unionistas ou conservadores, o governo Curzon-Churchill-George será substituído por outro, de política diferente.

A discrepância entre a política seguida será tanto mais pronunciada quanto maior for a influência sobre a maioria parlamentar dos trabalhadores.

Parece improvável, para quem conhece a situação política na Gran-Bretanha, que a maioria do próximo parlamento venha a pertencer aos liberais. E' possível que se aja trabalhista. Todavia, acho mais possível que nenhum destes partidos a obtenha e que será necessária uma coligação dos trabalhadores, dos conservadores de Robert Cecil e dos radicais para formar uma sólida maioria parlamentar de apoio a um governo de coligação da esquerda, como o governo actual é um governo de coligação da direita. Parece-me provável que nesta coligação a maioria pertença aos trabalhistas. Neste caso, o primeiro ministro britânico será um trabalhista: Ramsay MacDonald ou Arthur Henderson. Os trabalhistas teriam a maioria no ministério em coligação com os liberais e os conservadores. Estes, até nova ordem, conservariam o nome. Mas de facto, a política de Lord Robert Cecil, seu chefe, acha-se, em certos aspectos, muito mais próxima da política trabalhista que da seguida pela direita liberal do velho Asquith.

Seja como for, o certo é que a política interna e externa do povo britânico será completamente transformada. O fecho da abóbada do edifício capitalista europeu desabar.

No ponto de vista interno, a política de coerção para com a Irlanda dará lugar a uma política de liberdade. A Irlanda libertar-se-á e a Gran-Bretanha também. A independência do Egipto será reconhecida e também a das Índias, que serão chamadas a possuir um Home Rule análogo ao dos Domínios.

O proteccionismo industrial e comercial dará lugar a uma forma ou por outra; e talvez que também o sejam os transportes marítimos.

Os impostos irão atingir os detentores da riqueza e não os trabalhadores, como actualmente, etc., etc. Numa palavra, assistiremos a uma verdadeira revolução realizando-se progressivamente e pacificamente. E' pouco provável, com efeito, que o capitalismo recorra à violência para resistir à legalidade.

No ponto de vista externo, a revolução não terá menor amplitude. Com efeito, uma coligação trabalhista e liberal-radical reconhecerá imediatamente o governo bolchevista, pelo menos como governo de facto. Deixará de apoiar a reacção na Hungria e na Roménia, o imperialismo da Polónia, os conservadores alemães e o imperialismo francês. Fará ao mundo o convite para o desarmamento geral e integral, o navalismo incluído. Ensiará a transformar a actual Sociedade das Nações — Santa Aliança dos capitalistas — numa verdadeira união dos povos, a que será o desabar de toda a actual política britânica.

As consequências da queda do governo britânico actual serão, portanto, enormes. E' quasi impossível prevê-las a todas. Mas o que com certeza se pode afirmar é que a direcção do poder, nas mãos dos trabalhadores britânicos, forçará os governos burgueses do continente a mudarem por completo a sua política interna como externa. Pois sentir-se-ão, com efeito, absolutamente incapazes de a continuar. As consequências desta situação levará os trabalhistas de França e dos outros países do continente a apoderarem-se do poder político, porque só eles serão capazes de seguirem uma política externa e interna de acordo com a da Grã-Bretanha.

Augusto Hamon.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Taxas postais

Temos para breve uma modificação nas taxas postais para o estrangeiro. Modificação para pior, já se sabe. Trata-se de um aumento que deixará as taxas neste lindo preparo:

Cartas até 20 gramas, \$60; cada 20 gramas mais ou fração, \$30; bilhetes postais simples, \$36; bilhetes de resposta paga, \$72; bilhetes caros, \$60; jornais, 50 gramas ou fração, \$12; impressos, idem, idem, \$12; manuscritos, até 250 gramas, \$60; cada 50 gramas, mais \$12; amostras até 100 gramas, \$24; cada 50 gramas mais, \$12; prémio de registo, \$20; aviso de recepção, \$60, e assim sucessivamente. Um sintoma mais do nosso progresso. Portugal é já hoje um país isolado, posto de banda no convívio das nações. O seu nome não figura em nenhuma estatística, e lá fora, quando raramente o citam, tomam-no ou como uma provincia espanhola ou como uma fcloria inglesa. O que nos vale é que este aumento nas taxas postais para o estrangeiro por certo virá facilitar e fomentar extremamente as nossas relações internacionais.

A língua de Camões

Foi criada, na faculdade de letras da Universidade de Rennes, por iniciativa da Sociedade de Propaganda de Portugal, uma cadeira de língua portuguesa. Nada menos de sete pessoas acorrem em massa a frequentá-la, e tam grande tem sido o seu aproveitamento que já dizem papá e mamã de uma maneira admirável. E' um gosto ouvi-los nos exercícios:

—O senhor tem o lápis verde?

—Não senhor, mas a minha prima tem um guarda-chuva na cozinha.

Os alunos desejam alcançar rápidos progressos porque os acceita o desejo de ler no original as poesias do sr. João Maria Ferreira e os discursos dos nossos parlamentares.

A baixa

Um telegrama de Londres, com data de 18 do corrente, informa-nos que durante o mês passado continuou a descer em Inglaterra o custo da vida. Estava este, em Novembro de 1920, elevado em 176 por cento em relação a 1914. A percentagem de elevação baixará já, nos princípios deste mês, para 141. Em toda a parte a baixa se vai accentuando. As batatas estão em França a pataco a quilo, que quer dizer a quatro sous, e um par de botas custa lá 26 francos, pouco mais do que se ganha num dia de trabalho. Sobre o custo da alimentação já aqui temos dito o bastante para ver-se que nenhum país pode ser equiparado ao nosso no tocante às dificuldades da vida. Pois em Inglaterra a vida custa agora malz 141 por cento do que em 1914. A percentagem de aumento com referência ao início da guerra, deve estar agora, no nosso país, em causa de 1000 por cento. Também, a nossa consolação é que daqui a um mês será pior...

Pensamento

A verdadeira internacional dos trabalhadores deveria unir todos os operários que se sabem explorados e não querem continuar a sê-lo, todos os trabalhadores que combatem o capitalismo, sejam quais forem os meios preferidos. —Henrique Malatesta.

A escravatura em Portugal

Acabam de nos informar que em Évora a escravatura ressuscitou, com toda a série de inâmias que lhe são inerentes. A roça pertence à Companhia Portuguesa de Preparação de Carnes.

O que esta Companhia, que não é portuguesa, mas sim inglesa, faz aos operários que prende por meio de um pseudo-contrato, é simplesmente infame.

Relatar essas infâmias é tarefa longa. Por isso o faremos amanhã, com mais espaço e mais vagar.

OS SENHORES «TRABALHAM»

Mais vítimas!

Os senhores, sempre os senhores! Não se passa um dia que os senhores não pratiquem um crime, crime que fica sempre impune.

Ontem entrou-nos pela redacção um indivíduo, tipo de operário, acompanhado de quatro crianças miseravelmente vestidas.

Era Bruno António da Silva, que é aleijado da mão direita, quasi impossibilitado de trabalhar. Tem, no entanto, que sustentar a mulher e seis filhos. Isto é quanto basta para se calcular quanto a miséria virá por aquele lar.

Bruno António da Silva procurou-nos para nos relatar o seguinte:

Habitava numa casa dum só compartimento, na rua do Guarda-Mor, n.º 20. A casa fora-lhe arrendada por uma Ana de Jesus; há muitos meses que se recusavam a receber-lhe as rendas (a tática do costume) e ontem quando regressava a casa, onde apenas tinham ficado os quatro filhos menores, viu os pequenos na rua, bem como a reduzida mobília. Soube depois que durante a sua ausência, por ordem do escrivão Mesquita e na presença do juiz de paz, escoaçoaram as crianças e lançaram os pobres tarcos para o meio da rua.

E' isto que se vê constantemente. São famílias expulsas; por vezes, prédios inteiros esvaziados desta forma torpe. E o que é mais revoltante: com consentimento, quando não é com a ajuda, das autoridades!

Os processos jesuítcos

Confederação Patronal

Toda a gente sabe, e há do facto milhares de comprovações, que um dos primeiros actos do governo sovietista foi decretar a proibição da produção e venda de bebidas alcoólicas. Ninguém ignora também que a prostituição, se não está já hoje completamente extinta na Rússia, está pelo menos atenuada e reduzida dum modo considerável. Convinha porém aos odientes escribas da Confederação Patronal deturpar os factos, fechar os olhos diante da grandiosa obra de saneamento social que o governo dos Soviéticos realizou. Convinha apresentar aos ingenuos, aos ignorantes, a um quadro terrífico, todo ele sangue e horrores, para que se começasse a detestar uma coisa que se não conhece. Desta maneira se pintam horras desenfreadas de soldados bêbados, no cometimento dos maiores desmandos, para que gregos e troianos se horrorizem, e entrem a temer os bolcheviques como se daqueles jesuitas do óleo humano, vampirizadores de infantes se tratasse.

Vejamo est'outro trecho: «O operário, que se deixou embrutecer pelas teorias dos propagandistas, que lhes apregoaram um mundo de felicidades, verificará já que as 8 horas de trabalho que lhes prometam se transformaram em 12, 14 e 16 horas...»

Vem este trecho na página 12: mas na página 8 lê-se: «A falta de braços tornados inertes pela preguiça... assassinou a agricultura. Leva-se a fúria de mentir a estas espantosas contradições. Num lado temos os operários inertes, empolgados pela preguiça. No outro temos a mator-se num trabalho de 12 a 16 horas diárias. Como última observação, há que atentar na correcção gramatical do período acima: «O operário verificará...» Que se fôrmos a falar em elegância do estilo, há vários outros períodos modelares a apresentar. Este, por exemplo, na mesma desgraçada página 12:

«O regime das 8 horas de trabalho não tem sido mais que um pendão colorido pelos ideólogos meucos do comunismo universal, que com ele tem seduzido as classes operárias falhas de educação, e as únicas atinentes a formar a massa malcavé com que contam para os seus desígnios de perversão social, como de facto succedeu na Rússia.»

Prometemos aos nossos leitores uma análise ao ascoroso folheto que a Confederação Patronal há pouco editou. Vamos pois ver a maneira indigna por que se procura explorar torpemente com a ignorância da população. Obra de ignorantes e de perversos, só nos espíritos desprovidos de cultura ela pode encontrar acceitação. Mente-se com um impudor verdadeiramente espantoso. Algumas transcrições servirão para dar aos nossos leitores uma ideia dos processos patronais:

«Os médicos, os professores, os advogados, os homens de ciência, enfim, que constituíam as classes intelectuais, não foram também poupados porque os não foram passados a baioneta, amarrados aos postes da via pública para que os transeuntes neles cessassem os seus ferozes instintos ou fuzilados em massa com armas industriais e comerciais a quem tudo foi roubado, morrem hoje de fome em todos os cantos do Rússia, sendo fácil encontrá-los nas estradas e à beira dos povoados, cansados, cheios de miséria e andrajosos, estendidos a mão à caridade pública.»

Não temos, é claro, a intenção de contestar as ignóbeis patranhas da Confederação Patronal. Elas a si próprias se destróem, de tal modo o dispare e a insidia são nelas evidentes. Mas temos inda mais no capítulo das intrinsecas descalabradias:

«Por toda a parte os soldados fbricos, assaltando os estabelecimentos, fábricas, casas particulares, asilos e tudo onde a pilhagem surtisse efeito, elevou ao máximo a situação precária do país, que hoje geme sob a pressão dos regimentos vermelhos, que por onde passam semear a fome e a miséria, ao mesmo tempo que fazem dos lars bacanaes e prostíbulo por onde se arrastam a honra das mulheres e a virgindade das crianças, que em presença dos pais, dos maridos e dos esposos, são sacrificadas em nome da Liberdade.»

Repara-se naquele «os soldados elevou...» Na Rússia, de facto, succedeu o quê? Contaram os ideólogos meucos com a massa malcavé para os desígnios? Os luminares da Confederação Patronal lá saberão destrinçar esta complexa meada. Mas é evidente que lhes está mais a caracter inventar mentiras que pô-las em português correcto. Um outro bocadinho precioso (pág. 13):

«As paixões que nenhum frelo consente, as violências que não admitem conselho, as ambições que não tolema frelo, os anseios de mando que pulverizam a dignidade, e todas as concupiscências fíaldades que são apañadas pela raça humana, quando brutalizada pelo contacto directo com a selvageria, tudo isso será analisado pela observação nata das classes, pelo seu querer consciente, pela assimilação das ideias e pela rejeição dos caracteres que só é possível valorizar dentro da sociedade cultas e bem organizadas.»

Depois das «paixões que nenhum frelo consente», da «selvageria», da «observação nata» e das «concupiscências fíaldades» (as concupiscências são o prato forte dos escribas patronais, e já a páginas 34 se lê que «a solução dos problemas sociais e por concupiscência o bem estar dos povos não se conquista com a ditadura do proletariado, ou com que os regimes extremistas de um ou mais soviets», e ainda, a pag. 20, que «não é possível apressar o caminhar lento da evolução com a destruição do mundo pela dinamite e sens concupiscências apendices») temos ainda esta tirada que faria inveja a Calisto:

«O desideratum para as aspirações proletárias tem de conquistar-se pela instrução e educação dos indivíduos e das classes e fundamentalmente pela formação do carácter.» Perante estes esteios caem todos os artificios das sociedades, desmoronam-se os conservatismos idealizados, ruem as tiranias, volatizam-se os septicismos que anulam as inteligências pelo desânimo que deprime os caracteres, e pela corrupção moral que cancela os corações, e surge a fé e a crença nos destinos da humanidade que, após milhares de séculos, surgirá dignificada e purificada; facilitando a todos um grau de bem estar e felicidade que tem todavia de ser relativo, porque no mundo materialista nada existe perfeito e completo.»

São nossos os ídolos mais garantidos, a fidelidade absoluta dos trechos reproduzidos. O que espanta é que os assos patronais, mostrando-se assim tão precisadinhos de instrução, deilequem um capítulo do seu estúpido folheto à propaganda da instrução do operariado. Dizem eles (pág. 20):

«Eduquemos o operário, aperfeiçoemos-lhe o carácter para que saiba o que quer e porque quer... avigoremos-lhe a inteligência com os frutos de uma educação social perfeita... O que é preciso é educar...»

Propagandistas da nossa terra, fazei da vossa missão um sacerdócio de educação...»

Que, afinal, não é esta pobreza mental dos elementos patronais o que mais nos surpreende. Parvos, já nós os esperávamos. O que eles nos saíram fímaríolos, num grau que excede toda a nossa expectativa.

NO PAÍS DAS TRUOCULÊNCIAS

O ódio aos ferroviários

Uma entrevista com o ministro da guerra — Alfredo Pinto em liberdade — Quando saem os restantes ferroviários presos?

Uma comissão de representantes da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, juntamente com delegados da Comissão Central pró-presos por questões sociais, conferenciou anteontem, pelas 15 horas, no respectivo ministério, com o sr. Alvaro de Castro, ministro da guerra, acerca dos ferroviários demittidos dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, especialmente dos camaradas Miguel Correa, Leopoldo Calapez, António Piloto e António Lúcio Pegado, presos no quartel de Sapadores dos Caminhos de Ferro e que até há poucos dias estiveram incomunicáveis.

O ministro ouviu com atenção a exposição feita pela comissão referida. Concordou que realmente se saltava sobre a constituição da república, mas que não conhecia o caso senão pela leitura dos jornais, prometendo informar-se sobre o assunto. A comissão deixou então os nomes dos presos e datas em que foram effectuadas as prisões, tendo ficado de voltar esta semana a avistar-se com o ministro para tratar novamente do caso.

Alfredo Pinto em liberdade

Depois de 45 dias de prisão sem culpa formada, tivemos ontem o prazer de abraçar o nosso camarada Alfredo Pinto, encarregado da tipografia de A Batalha e ex-compositor das oficinas do Sul e Sueste. Esteve incomunicável durante cerca de 30 dias!

Alfredo Pinto tem numerosa família, do seu trabalho vive. Está quarenta e cinco dias preso, causou-lhe, como é intuitivo, um transtorno colossal. Perguntamos nós quem o indemnizava das perdas causadas pela justiça. Alfredo Pinto saiu, porque não havia praticado crime algum. A justiça reconheceu o erro, tardiamente, é certo, mas reconheceu o seu erro. Então? Já conhece que errou, que se enganou de desastrosamente e não repara o erro? Pôs o preso em liberdade, mas isso não basta. Incomoda-se assim impunemente um homem honrado?

Seria melhor que as máscaras calentes, que tivessem a hombridade de confessar que de intento já sabiam que os ferroviários que torturaram e estão torturando, estavam inocentes, antes de ser presos. Persegue-se por ódio, por capricho sinistro, para satisfazer o rancor, o baixo rancor, de Raúl Esteves, do alferes Mendes e do célebre capitão Abranches, ditadores dos caminhos de ferro.

Prevevamos já que Miguel Correa, Leopoldo Calapez, António Piloto e António Luis Pegado terão a sorte de Alfredo

A arte e os artistas

A cultura artística do povo

A exposição de arte coimbrã

Uma litle de artistas geniais só pode nascer dum povo culto. A história ensina-nos a pensar assim. Os egípcios, os gregos, os romanos eram povos requintados que cultivavam a beleza. A fama das suas obras vem até nós, de século em século. Quem erguen essas obras monumentais, que n.s encham de espanto? Foram as massas anónimas, foi o génio da multidão. A intensidade do belo nas obras de arte, depende do grau de cultura do povo.

Os homens isolados que se impoem pelo seu amor à beleza, pela sua sensibilidade excepcional, são ainda produto da cultura popular. Os grandes homens concentram em si as aspirações populares; são fruto do ambiente de beleza criado pelos hábitos do povo, pela arte ingénua que se revela nos objectos com que ornamentam as casas pobres; pela forma de trabalho, as próprias ferramentas, o traje, tudo concorre para emocionar o grande artista, levando-o a produzir trabalhos geniais.

Phidias, Miguel Angelo, Rafael, Leonardo de Vinci, Velasquez, Rembrandt, Rodin e tantos outros, jo que são eles, sendo o produto do ambiente popular dos países onde viveram, onde havia um povo artisticamente educado e sentimental?

Cultivar as artes populares, elevar o nível intelectual do povo é tornar possível a existência de homens superiores, de homens que, bebendo na fonte mais pura, no povo, as grandes emoções, as materializam na pedra rude, no mármore branco, na pintura exuberante, nos grandes monumentos.

Pensar que uma escola superior dará grandes artistas, sem tratar primeiramente de educar o povo, fazendo-o compreender as revelações da Natureza, é erguer um edificio bello sem cuidar dos alicerces. E' do povo que nascem os grandes homens, como as mais lindas flores crescem e se desenvolvem nos terrenos férteis. Tornemos o terreno fecundo, criemos no povo o culto pelo belo e os génios aparecerão naturalmente, plenos do vigor que lhes empresta a multidão, traduzindo em obras inigualáveis os mais altos sentimentos.

Se collocarmos um camponês ignorante em um operário habituado ao uso estafante da ferramenta, em frente de um quadro impressionista, nem um deles perceberá do que se trata. E' por este motivo que muitos artistas despresam o povo, esquecendo-se que o educado, criado no ambiente onde o operário cresce, talvez fizessem a mesma figura triste.

O povo (o nosso principalmente) ignora a arte. Ninguém ainda cuidou de educá-lo. Nem os próprios artistas se aproximaram dele para lhe explicar a razão porque pintam, desenhm ou modelam o seu gesso branco. Os artistas, nem um pouco, não sabem o que a arte que chegam a toda a gente e não seja, como aliás todos os benefícios da civilização, patrimonio de meia dúzia de privilegiados.

Uma das formas mais práticas de elevar o sentimento artístico do povo seria introduzindo novas fórmulas no trabalho que o povo executa dia a dia. Seria explicando ao marceneiro, ao ferreiro que o trabalho feito sem amor, sem entusiasmo é um castigo formidável, é uma angústia tremenda que

Nesta exposição não nos preocupa o detalhe; pouco nos importa que haja melhores pintores ou escultores; que uma figura não possua caracter ou que a cor de certo ponto não seja perfeita. O que temos de exaltar aqui é o esforço, a boa vontade, o entusiasmo dos expositores, que tentaram, com bastante éxito, reunir artes tam diferentes, fazendo enveredar a arte por um caminho novo — a arte para o povo — que tanta vez aqui temos preconizado.

Não perdiam nada os operários em visitar este certame, cujos organizadores são na sua maioria operários, operários-artistas.

Oxalá tentativas desas tenham continuidade, que os artistas não tenham medo de acamarar, ajudando-se mutuamente, com os artistas do ferro e da madeira.

Mário DOMINGUES.

EM ITALIA

continuum a dar-se incidentes com os socialistas

PARIS, 19. — Dizem de Roma que continuum a dar-se incidentes graves entre socialistas e nacionalistas italianos.

O deputado italiano Mattiotti, próximo do Rovigo, foi convidado pelos nacionalistas a comparecer numa reunião contraditória. Não tendo estes ficado satisfeitos com as explicações por elle dadas, fizeram-no subir para um camião e, depois de um longo passeio, abandonaram-no no campo.

Próximo de Ferrara, três camponeses inscritos na Liga Nacionalista foram assassinados.

Ao sair da bolsa do trabalho, em Modena, muitos deputados socialistas foram agredidos pelos nacionalistas. Em Poggio Rusco houve um conflito de que resultou ficarem feridos oito indivíduos.

Na provincia de Ferrara as propriedades cedaram aos camponeses nacionalistas mais de 4.000 hectares de terreno.

O movimento nacionalista é, segundo se diz, dirigido por um general reformado italiano, que é um alto dignitário da maçonaria.

Os socialistas vêem com receio este movimento que agita toda a Italia e tem o resultado de novas eleições. —Rádio.

CONSELHO JURIDICO da C. G. T.

A reunião marcada para hoje, fica adiada para dia que se annunciara.

O sr. ministro da guerra há de reconhecer que se desrespeita a lei e promover, se quizer proceder com justiça, que esses homens sejam rapidamente restituídos a liberdade para que cesse o regime de truoculências a que tem estado sujeitos, eles e os restantes ferroviários que permanecem na Torre de S. Julião da Barra.

A BATALHA vende-se em

Abbeville.

Um protesto operário

BERLIM, 19. — A Associação Internacional dos Operários Metalúrgicos, reunida em Berne, protestou contra as sanções dos aliados e exprimiu um voto de apoio aos seus colegas da Alemanha.

O próximo congresso da referida Associação realizar-se há no próximo dia 6 de Julho em Berlim. —Rádio.

Agora não foi ninguém...

PARIS, 19. — Suscita-se de novo a questão da entrega dos culpados da guerra, pela revisão do tratado de Versaíles, após o insucesso da conferencia de Londres. Os alemães preparam um volumoso relatório onde demonstram que a guerra não partiu de Viena ou Berlim, mas da capital da França. —Rádio.

